

Ribeirão Preto 150 anos: muito para comemorar

Local de baixa altitude não ficava na rota dos Bandeirantes. Só muito tempo depois, com a decadência da mineração e a falta de terras disponíveis no Sul de Minas Gerais, é que começou a ser desbravado o sertão onde hoje se situa a cidade de Ribeirão Preto. Os primeiros registros de colonização datam de 1830. Ribeirão Preto pertenceu a São



Avenida Presidente Vargas, novo corredor comercial e de entretenimento de Ribeirão Preto

Simão até 1856. Portanto, há 150 anos começou, de fato, sua história. O café, no final do século XIX, foi o grande impulsor do que hoje é a região. O café gerou riqueza, trouxe poder e cultura para a cidade. Os primeiros fazendeiros faziam questão de oferecer aos seus filhos a educação que não tiveram, e de proporcionar à cidade "elegâncias", como ter dois teatros e uma orquestra. A chegada dos imigrantes para trabalhar nas lavouras de café foi um marco para a cidade e para a região. Os imigrantes trouxeram uma nova visão, um tino para o comércio e mudaram as perspectivas locais.

Ribeirão Preto sempre teve um forte atrativo regional, que foi aprimorado nas três últimas décadas e transformou sua fonte de recursos e de empregos. A agricultura local perdeu espaço e ganhou a região. Ao comércio que já era representativo, se somou o setor de serviços, com destaque para as áreas de saúde, entretenimento e educação.

Ribeirão Preto possui cerca de 30



mil estabelecimentos comerciais e de serviços. Os três shoppings centers e a vida noturna agitada são atrativos irresistíveis.

Na área de saúde são 11 hospitais, sendo que apenas o Hospital das Clínicas atende 2.500 consultas por dia. Outros atendimentos são também realizados nos cerca de 200 consultórios e clínicas especializadas particulares, além dos 117 centros e unidades básicas de saúde do município.

Ribeirão Preto possui cerca de 800 lojas e lanchonetes, 100 restaurantes, 27 salas de cinema, 7 teatros, 67 bibliotecas, 16 emissoras de rádio, 4 jornais diários, 7 revistas e 7 emissoras de TV. São 207 mil as linhas de telefones fixos.

Hoje a cidade ocupa o 21º lugar no ranking brasileiro do IDH, Índice de Desenvolvimento Humano, sendo a sexta no estado de São Paulo.

O crescimento e desenvolvimento sempre fizeram parte da vida desta cidade, e tudo começou no final do século XIX, com a expansão do café. Hoje, quando se fala em desenvolvimento, não se separa Ribeirão Preto da sua região, pois uma depende da outra, uma alavanca a outra. Por isso ela é a Capital Brasileira do Agronegócio.

Agro negócio

Ano 7, nº 62, junho de 2006

Impresso Especial
1ª Edição - 2000
ABAGRP
CORREIOS

www.abagr.org.br



A cana-de-açúcar, origem e influência



Eduardo Diniz Junqueira

A cana-de-açúcar, procedendo da Nova Guiné, de ilha em ilha, através dos séculos, chegou à Índia uns dois mil anos antes da era cristã. Foram os gregos de Alexandre Magno que levaram para a Europa a notícia da existência de uma planta que

reñal na agricultura paulista.

Após 1960, passou a ser cultura dominante de Ribeirão Preto e, com o advento do Proálcool, 1975, também desbancou Piracicaba de maior produtora de açúcar do País. Além do álcool, foi na região de Ribeirão Preto que se iniciou a cogeração de eletricidade. Hoje, outros produtos sur-

prio à cana-de-açúcar. Todavia, exceto a cana e a beterraba, a todos os outros vegetais é necessária uma prévia sacarificação do caldo, para posterior produção de açúcar ou de álcool. Mas, somente a cana-de-açúcar produz a energia necessária para sua industrialização, alimentando as caldeiras com o próprio bagaço.

Além do mais, a cana-de-açúcar é o vegetal que produz maior massa orgânica por hectare, muito mais que a decantada floresta amazônica. Também a suplanta como sequestradora do carbono atmosférico.

Planta conservacionista, evita a erosão provocada pela chuva, garantindo o futuro do solo e a sua fertilidade. A tão criticada queimada da cana, com a mecanização, caminha para o fim. Na região de Ribeirão Preto, a colheita mecanizada alcança 50%, sendo que no município de Ribeirão Preto já ultrapassou 80%. A fabricação de colhedores, cerca de 150 unidades por ano, acrescida da absorção da mão-de-obra rural, retarda a mecanização canavieira. A mudança da paisagem é fatal, como aconteceu com a derrubada das matas para o plantio do café, algodão, milho, arroz e pastagens.

Podemos aplicar ao campo, as mesmas palavras usadas pelo renomado urbanista, Paulo Mendes da Rocha, quando se referiu à realização das cidades: "desse ancestral sonho dos homens de, juntos, construir seu habitat". Também, no campo, o homem sonha de, juntos, construir seu habitat.

Eduardo Diniz Junqueira - é agrônomo, empresário e presidente do Conselho Diretor da ABAGRP



Foto: Roberto Ferraz/Catão

Em 1532, Martim Afonso de Souza, de parceira com o genovês Giuseppe Adorno, fundou em São Vicente o engenho dos Erasmos, nome de seu financiador alemão. Foi esse o primeiro engenho de açúcar do Brasil. Logo em seguida, Duarte Coelho fundou outro em Pernambuco que, devido à maior proximidade com a Europa e o clima mais favorável ao cultivo da cana-de-açúcar, suplantou São Vicente de muito. Mesmo assim, a cana-de-açúcar continuou a ser cultivada por engenhocas de pinga e de rapadura e a fazer parte das tradicionais lavouras da capitania bandeirante.

Foi com a vinda do Morgado de Matheus, 1765, que de novo a cultura da cana-de-açúcar foi incentivada, agora na região conhecida por quadrilátero do açúcar: Campinas, Itu, Capivari, Piracicaba. Mais tarde, já no século 19, no Estado de São Paulo a cana foi superada pelo café. Somente na segunda metade do século 20, começou a retomar o seu lugar prefe-

gem na indústria sucroalcooleira, como ração para gado e peixe, fértil irrigação, fermento para pão, levedura seca, ácido cítrico, plástico biodegradável e mais os provenientes da álcool-química, que vêm substituir os do petróleo.

Com a crise do petróleo, o mundo volta-se para a energia da biomassa, da qual, a cana-de-açúcar é a mais viável. O milho vem em segundo lugar, por ser uma planta largamente cultivada nos países de clima temperado, impró-

Agro negócio é uma publicação oficial, mensal, da Associação Brasileira do Agronegócio da Região de Ribeirão Preto - ABAGRP. Av. Presidente Vargas, 2.001, sala 87, CEP 14020-260, Ribeirão Preto-SP. Fones: (16) 3623-2326 e 3620-9303. Site: www.abagr.org.br. E-mail: abagr_rp@netsite.com.br. Diretora-executiva: Mônica Bergamaschi. Jornalista responsável: Valéria Ribeiro, MTb 15.626. Editoração: Fernando Braga. Impressão e fotolito: Gráfica São Francisco. Tiragem: 2.800 exemplares

Ribeirão Preto

De Capital do Café à Capital Brasileira do Agronegócio

Ribeirão Preto comemorou 150 anos no mês de junho, relembrando suas principais histórias e conquistas. Entre as conquistas há uma comumente contestada pelos formadores de opinião: Ribeirão Preto não pode ser a Capital Brasileira do Agronegócio porque sua área agrícola é insignificante na composição da riqueza do município. Queremos prestar uma homenagem à cidade, resgatando o conceito de agronegócio que é, trocando em miúdos, a soma de todas as operações que acontecem antes, dentro e depois das porteiras das fazendas. Portanto, pensar agronegócio com foco apenas em uma de suas etapas fere o conceito que foi apresentado pela primeira vez em 1957, na Universidade de Harvard, EUA, pelos professores John Davis e Ray Goldberg.

Quando os representantes do PENSA, Programa de Estudos dos Negócios do Sistema Agroindustrial, da FEARP/USP, propuseram em 2002 que Ribeirão fosse eleita a Capital Brasileira do Agronegócio, não se pensava na cidade, mas na região. O trabalho envolveu ainda a ABAG/RP, a Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACIRP) e a Prefeitura Municipal, que nunca reivindicou o título para si, mas para a região, reconhecendo-se como integrante de um importante pólo regional.

Esta região espelha bem o que é "agribusiness", um termo que "abrasileirado", deu origem a "agronegócio". Num raio de 100 quilômetros: instituições de ensino e pesquisa aprimoram uma das mais importantes etapas do setor. Para citar algumas que desenvolvem pesquisas e formam profissionais para o agronegócio: Embrapa, USP, UFSCar, Unesp, IAC/APTA e Fundecitrus. Antes da porteira das fazendas existe ainda a produção dos insumos e máquinas usados na produção agropecuária, as instituições bancárias, as cooperativas de produtores, professores, pesquisadores, técnicos e extensionistas. Dentro das fazendas, a capacidade produtiva dos empresários rurais somada à capacidade gerencial, fazem a produtividade regional ser uma das maiores do país. Depois da porteira, im-



Foto: Arquivo Público Municipal

Carregamento de café para transporte através de linhas férreas na Fazenda Chimborazo, onde existiam cerca de 2 milhões de cafeeiros, atual município de Cravinhos. Foto de Theodor Preisling. Década de 1920/1930

portantes indústrias de transformação estão presentes. Para a comercialização a estrutura logística é fundamental. A localização privilegiada da região, cortada por importantes rodovias, faz a diferença. Além disso, o Porto Seco, o modal ferroviário e a futura internacionalização do aeroporto, já em reformas, funcionam como atrativos para a instalação de novas empresas. Sem falar na capacidade regional de armazenamento e distribuição, tendo ao final dessa corrente os pontos de venda em geral, os hotéis, os bares, restaurantes, shoppings, lojas, supermercados...

Foi por tudo isto que a maior feira de tecnologia agrícola do Brasil e a terceira maior do mundo, a Agrishow, escolheu, há 13 anos, Ribeirão Preto para se instalar.

Impossível enxergar o futuro com os olhos do passado. Quando Ribeirão Preto era a Capital do Café suas terras se empalhavam por milhares de hectares. Um dos reis do café, Henrique Dumont, tinha seus cafezais plantados onde hoje está a cidade de Dumont. Visionários, os empresários da região sempre buscavam o "moderno". Henrique Dumont, pai de Santos Dumont, chegou a ter 5,7 milhões de pés de café cultivados com a melhor técnica de cultivo à época. Inovou instalando uma estrada de ferro particular para

facilitar a comercialização de seu produto. Eram 23 quilômetros de trilhos que ligavam a fazenda a Ribeirão Preto, e mais 85 quilômetros dentro da fazenda, para agilizar a colheita e o transporte. O rei do café usava quarenta vagões e cinco locomotivas próprias. Nestas locomotivas o pai da aviação costumava brincar quando criança, interessado que era nos meios de transporte. Em 1942 a fazenda Dumont foi loteada, dando origem à cidade.

Ribeirão Preto, ao longo de sua história, foi perdendo área e seus distritos ganharam vida própria. Mais recentemente a zona rural cedeu espaço para a zona urbana. Há menos de 20 anos o perímetro urbano ocupava 15% da área total do município. Hoje ocupa 42%.

A cidade que foi apelidada, nos anos 80, de "Califórnia Brasileira", pelo jornalista Ricardo Kotscho, o que causou uma onda de migração só comparável aos áureos tempos do café, trouxe como consequência um crescimento desordenado. A maravilha da oportunidade e da riqueza na realidade não existiam na cidade, mas na região. O jornalista, que voltou à região 4 anos atrás, garante que quando usou o termo "Califórnia Brasileira", não se referia à riqueza à ostentação, e sim a uma diversidade de produção regional comparável ao que ele conhecia da Cali-

fórnia norte americana.

A diversidade, enxergada por Kotscho, ainda prevalece, por isto é que a região não sentiu tão fortemente a crise pela qual passa a agricultura nacional. A agricultura é uma atividade cíclica, com constantes altos e baixos, mas como a região concentra, num raio de 100/150 quilômetros, importantes culturas, não sente tão duramente os efeitos dessa crise que já extrapola o campo e atinge as cidades. Em palestra recente em Ribeirão Preto, o economista José Roberto Mendonça de Barros, ao analisar os cenários do agronegócio na atual crise, fez questão de brincar dizendo que o que vai bem se concentra na região, enquanto o que vai mal se espalha pelo país.

É por isto que Ribeirão Preto é a Capital Brasileira do Agronegócio. Não há o que contestar. Ribeirão é o espelho de uma região vencedora, que soube superar crises amargas, como a do café no início do século XX, e buscar alternativas. Outros ciclos começaram e se encerraram. Restou a diversidade. A região



Foto: Arquivo Público Municipal

Fase final da construção do Edifício Diederichsen, inaugurado em 1937. Foi o primeiro edifício do interior



Foto: Ferrnab - Brazil

Vista da região da Av. João Fiúsa, onde há menos de 20 anos era zona rural

é grande produtora de soja, cana-de-açúcar, café, citrus em geral, leite, frutas de mesa etc. A agregação de valor tem sido uma busca freqüente. As grandes indústrias ligadas aos setores canavieiro e citrícola são prova disto. É claro que as opções do passado foram importantes, os próprios reis do café trouxeram a cana para região. A escolha, daquela época, é um referencial para o futuro do mundo. A agroenergia faz com que todos concentrem sua atenção neste produto, que ao mesmo tempo representa uma alternativa ao petróleo e uma saída para conter o efeito estufa.

O aprimoramento da capacidade produtiva, gerencial e comercial nas propriedades é também um grande diferencial. Boa parte deste desenvolvimento se deve às dezenas de cooperativas espalhadas por toda a região.

Ribeirão Preto é uma cidade núcleo. Sua fonte de receita própria tem relação direta com o entorno. Segundo o Seade, 70% da renda do município vêm do comércio e dos serviços. Pessoas de cidades vizinhas, que vivem em função da agropecuária, gastam grande parte do que ganham no comércio, no setor de entre-

tenimento, na saúde, na educação, ou mesmo investindo nos bancos e no mercado imobiliário de Ribeirão Preto, que está em franca expansão. Com isso cresce a arrecadação do município, que tem cada vez mais pose de metrópole, com seus cerca de 560 mil habitantes e seus incontáveis visitantes.

Quem ainda não aceitou a designação de "Capital Brasileira do Agronegócio" para Ribeirão Preto terá que conviver, dentro em breve, com outro conceito, mais moderno e abrangente: o agricluster. Termo que representa uma concentração de empresas e instituições que geram a capacidade de inovação e conhecimento, favorecendo a construção de vantagens competitivas. O criador deste conceito, Michael Porter, também professor em Harvard, costuma dizer que ele representa "cadeias de empatia", que aos poucos substituem a cultura do antagonismo e da confrontação pelas de parcerias e cooperação.

Que a região de Ribeirão Preto se efetive como um agricluster e que outros agriclusters surjam pelo país, afinal ninguém contesta a real vocação do Brasil.